

AS PARTES DA ORAÇÃO
NA ARTE DE GRAMÁTICA DA LÍNGUA MAIS USADA
NA COSTA DO BRASIL (ANCHIETA, 1595)

Leonardo Ferreira Kaltner (UFF)
leonardokaltner@id.uff.br

RESUMO

Em nossa apresentação, debatemos, a partir dos fundamentos teórico-metodológicos da disciplina de Historiografia da Linguística, o conceito de “partes da oração” (*partes orationis*), na gramática humanística. Nossa fundamentação teórica é o modelo de Pierre Swiggers, e o artigo vincula-se à linha de pesquisas de História da Gramática, a gramaticografia renascentista, e da Linguística Missionária. As oito partes da oração (*nomen, pronomen, uerbum, aduerbium, participium, coniunctio, praepositio e interiectio*) são categorias de análise derivadas da descrição da língua latina, e foram empregadas por S. José de Anchieta, SJ (1534–1597) na descrição da língua dos indígenas de cultura tupinambá, em sua *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*, de 1595. Analisamos como essas categorias foram adaptadas por Anchieta em sua obra gramatical, para a descrição de uma língua indígena na América portuguesa quinhentista.

Palavras-chave:

Gramaticografia renascentista. Línguas Indígenas. Linguística missionária.

ABSTRACT

In my presentation, I discuss, from the theoretical- methodological foundations of the discipline of Historiography of Linguistics, the concept of “parts of clause” (*partes orationis*), in humanistic grammar. My theoretical approach derived from the model of Pierre Swiggers, so the article is linked to the research line of History of Grammar, Renaissance Grammaticography, and Missionary Linguistics. The eight parts of the clause (*nomen, pronomen, uerbum, aduerbium, participium, coniunctio, praepositio and interiectio*) are categories of analysis derived from the description of the Latin language, and were employed by St. Joseph de Anchieta, SJ (1534–1597) in description of the language of the indigenous peoples of the Tupinambá culture, in his *Art of Grammar of the language most used on the coast of Brazil*, from 1595. I analyze how these categories were adapted by Anchieta in his grammatical work, for the Portuguese description of an indigenous language in sixteenth-century America.

Keywords:

Renaissance grammar. Indigenous Languages. Missionary Linguistics.

1. Introdução: a gramática humanística e as oito partes da oração

O presente artigo vincula-se à disciplina de Historiografia da Linguística (HL), a partir da fundamentação teórico-metodológica de Pierre

Swiggers (2013), tendo como categoria central de análise o “pensamento linguístico” (*linguistic thought*). Como objeto de estudos, o pensamento linguístico de S. José de Anchieta, SJ (1534–1597) é analisado, a partir do texto *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil* (ANCHIETA, 1595, p. 1f), gramática missionária (ZWARTJES, 2002, p. 19-70) que descreve a língua dos indígenas de cultura tupinambá. A obra de Anchieta pode ser analisada pelo viés de duas das linhas de pesquisa da HL: a Gramaticografia, ou História da Gramática, e a Linguística Missionária, mais específica, em relação a seu recorte temático. Ambas as perspectivas serão abordadas ao longo de nossa argumentação, que tem por objetivo reconstituir o ideário linguístico da América portuguesa quinhentista, tema também abordado em estudos anteriores.

O artigo é resultado parcial do projeto de pesquisa “Regna Brasillica: o Brasil quinhentista, à luz da Historiografia da Linguística”, desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense, no grupo de pesquisas “Filologia, línguas clássicas e línguas formadoras da cultura nacional” (CNPq/UFF). No texto, debatemos a influência do conceito de “partes da oração” (*partes orationis*) na descrição da língua indígena por Anchieta.

As “oito partes da oração” surgiram como categorização de fatos linguísticos analógicos na descrição da língua grega, dando origem ao que atualmente é descrito no nível morfológico, nas classes de palavras. Essa tradição derivou na descrição das *octo partes orationis* (oito partes da oração) dos gramáticos latinos, tendo sido adaptada pelos humanistas na descrição das línguas vernaculares. Em relação a Anchieta, há a utilização do conceito de “partes da oração”, em sua gramática humanística, com influência notável da obra de João de Barros e o uso de metatermos no vernáculo português, para a descrição da língua indígena. Além da gramática humanística portuguesa, Anchieta também se vale de metatermos latinos e da gramática latina para a sua descrição linguística.

As partes da oração derivam, na tradição latina, de *Donatus*, que influenciou profundamente no pensamento linguístico ocidental posterior, sobretudo na divisão de palavras por categorias na escrita europeia. As partes da oração para *Donatus* são: *nomen*, *pronomen*, *uerbum*, *aduerbium*, *participium*, *coniunctio*, *praepositio* e *interiectio*. Enquanto *Donatus* influenciou no desenvolvimento da morfologia, por outro lado, *Priscianus* foi a principal fonte para os gramáticos medievais, os modistas, descreverem a sintaxe, as relações de concordância e regência, da língua, o que João de Barros incorporaria em sua obra gramatical quinhentista. Além dos

gramáticos, a filosofia aristotélica serviu como base para o debate sobre o *lógos*, isto é, o discurso.

Quanto à contextualização da obra de Anchieta, temos a sua vinculação à corrente de pensamento do humanismo renascentista português, graças ao tempo de estadia no Real Colégio das Artes de Coimbra, em 1548, e o posterior ingresso na Companhia de Jesus. O clima intelectual de sua época favorecia a descrição linguística pela gramática humanística e esse processo ocorre na confecção de sua gramática, que adota os pressupostos da época.

Na rotulagem dos capítulos da gramática de Anchieta, são citadas algumas partes da oração: nomes (substantivos e adjetivos), pronomes, verbos e preposições. No corpo da gramática, são citadas ainda outras partes da oração: advérbios, particípios (gerúndio, supino). Há ainda categorias específicas de morfemas, como “partículas”, “artículos”. A referência aos casos latinos é patente, o que caracteriza a corrente humanística no processo de descrição da língua indígena.

De acordo com Otto Zwartjes:

Anchieta does not give us a complete list of the parts of speech. The traditional chapter devoting to the ‘rudimenta’ is lacking. Anchieta’s grammar is more of a morphosyntax of the Tupinambá language, and this is quite meaningful from the descriptive viewpoint, and not efficient tall from the pedagogical viewpoint. The fact that the chapter on ‘rudimenta’ is missing, was probably the main reason (and the merit) that Figueira was asked to write another grammar just after Anchieta’s death. However, Anchieta follows the traditional model and treats the parts of speech as follows: noun (Chapter IV), pronoun (Chapter V), verb (Chapters VI–IX), preposition (Chapter X) There is no chapter with the rubric ‘adverb’ but in the tenth chapter Anchieta describes the three items *eimebê*, *yanondê* and *rirê*, hesitating to classify them as adverbs or prepositions. The Chapters XI – (II [sic]) –XVI are dedicated all to the verb. There are no dedicated chapters which describe the interjection or the conjunction (ZWARTJES, 2002, p. 33-34).

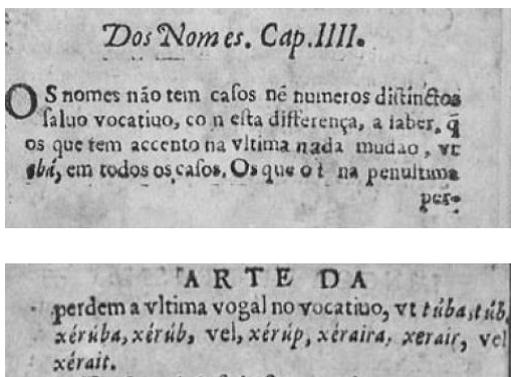
(Anchieta não nos dá uma lista completa das classes gramaticais. O capítulo tradicional dedicado aos *rudimenta* está faltando. A gramática de Anchieta é mais uma morfossintaxe da língua Tupinambá, e isso é bastante significativo do ponto de vista descritivo, e nada eficiente do ponto de vista pedagógico. O fato de faltar o capítulo sobre *rudimenta* foi provavelmente o principal motivo (e o mérito) de Figueira ter sido convidado a escrever outra gramática logo após a morte de Anchieta. No entanto, Anchieta segue o modelo tradicional e trata as classes gramaticais da seguinte forma: substantivo (Capítulo IV), pronome (Capítulo V), verbo (Capítulos VI-IX), preposição (Capítulo X) Não há capítulo com a rubrica advérbio, mas no décimo capítulo Anchieta descreve os três itens *eimebê*,

yanondê e *rirê*, hesitando em classificá-los como advérbios ou preposições. Os Capítulos XI– (II [sic]) – XVI são dedicados todos ao verbo. Não há capítulos dedicados que descrevam a interjeição ou a conjunção).

2. Comentários sobre os nomes e pronomes na gramática de Anchieta

O quarto capítulo da gramática de Anchieta é dedicado aos nomes. A descrição dos nomes na língua indígena inicia-se com a comparação com a gramática latina, pois os nomes, para Anchieta, não possuem casos, não se declinam, exceto no caso vocativo. João de Barros em sua gramática vernacular também adota o contraste com a língua latina. Vejamos as duas definições.

Imagem 1. O conceito de nome para Anchieta (1595, p. 8f-8v).



Transcrição:

Dos nomes. Capítulo IV

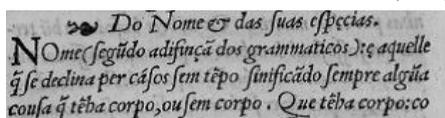
Os nomes não têm casos, nem números distintos, salvo vocativo, com esta diferença a saber, que os que têm acento na última [sílab]a nada mudam, como *abá* (homem), em todos os casos. Os que têm na penúltima perdem a última vogal no vocativo, como *túba* (pai¹), *túb* (ó pai); *xérúba* (meu pai), *xérúb* (ó meu pai), ou *xérúp* (ó meu pai), *xérraira* (meu filho), *xerair* (ó meu filho), ou *xérait* (ó meu filho).

Anchieta não descarta os casos latinos, necessários para a descrição sintática, em sua perspectiva, apenas descreve que as formas do nome não se alteram nos demais casos, além do vocativo. Por isso a negação,

¹ Pai, ou parente em sentido geral também.

os “nomes não têm casos, nem números” seguida da afirmação “nada mudam em todos os casos”. Podemos interpretar que Anchieta afirma não existirem casos em relação às formas dos nomes, mas nas construções, a sintaxe poderia ser descrita pelo sistema de casos latinos, o que é desenvolvido nos capítulos posteriores de sua gramática, que ainda se vale da rotulagem nominativo e acusativo, por exemplo, para descrever construções da língua.

Imagem 2. O conceito de nome em João de Barros (1540, p. 5f).



Transcrição:

Nome, segundo a definição dos gramáticos, é aquele que se declina por casos, sem tempo, significando sempre alguma coisa que tenha corpo, ou sem corpo.

Aryon Rodrigues nota que Juan de Montoya, ao descrever o guarani antigo, segue a doutrina da época ao afirmar a declinação dos nomes na língua indígena, sendo Anchieta inovador nesse sentido:

La sencilla e independiente afirmación de Anchieta, declarando que ‘los nombres no tienen casos’, se destaca cuando contrasta a la presentación del mismo tema por Ruiz de Montoya en su gramática del guaraní antiguo, lengua hermana que en ese particular ofrece la misma situación del tupinambá. (RODRIGUES, 1997, p. 380)

Ainda em relação aos nomes, Anchieta descreve o processo de composição, de nomes substantivos com nomes adjetivos, fenômeno também descrito por João de Barros, que categoriza as “figuras” dos nomes em simples e composta. João de Barros afirma que a composição de nomes se encontra no grego e no latim. O exemplo apresentado por Anchieta: *MbaêTatê* (coisa fogo, coisa que he toda fogo), é também chamada pelo gramático de *appositio* (aposição), também equivalendo ao “genitivo possessivo”, também representando o ablativo, ou genitivo, de matéria e exprimindo a idade de alguém.

Já os pronomes são apresentados com formas aproximadas a casos latinos, com nominativo e dativo, e alguns no plural com acusativo e vocativo. Anchieta não discrimina ou categoriza os tipos de pronomes, mas apresenta na sequência os pessoais, possessivos, relativos e recíprocos.

Convém tecermos um comentário específico sobre a seleção lexical de Anchieta para os exemplos de nomes substantivos língua indígena. O primeiro nome substantivo apresentado é *abá*, cuja tradução é “homem”. Parece uma seleção lexical fortuita e arbitrária, porém, há implicações culturais, teológicas e filosóficas profundas no termo.

No cerne da corrente de pensamento do humanismo renascentista estava o debate sobre a questão humana, sobre o ser humano, investigado pelas humanidades, que se desenvolviam nas ciências e nas artes renascentistas. A palavra *abá*, na língua tupinambá, serviria para integrar a língua indígena na tradição de interpretação do ser humano, pela lógica aristotélica, pela teologia cristã renascentista, e mesmo pela visão de mundo do Renascimento.

O termo homem, na língua indígena *abá*, seria central na especulação medieval teológica, na catequese dos missionários, mas também no ensino de gramática do humanismo renascentista. Na gramática de João de Barros, o primeiro exemplo de “nomes próprios” e “comuns” também apresenta o substantivo “homem”, como modelo. No sistema de pensamento humanístico, o ser humano era um elemento central para a educação pelas humanidades.

Os outros dois substantivos *túba*, pai, e *xérraira*, meu filho, denotam graus de parentesco, o que teria valor simbólico posterior, de uma hierarquia, na relação assimétrica entre as comunidades indígenas e os colonizadores europeus. São esses graus de parentesco também conceitos fundamentais na catequese e na política missionária, pois denotam o pertencimento a uma família, que passaria a ser a integração dos indígenas na política missionária.

Para fins de especulação teológica, mesmo de ensino da lógica aristotélica, pai e filho são termos correlativos, quanto ao seu modo de significar, isto é, só há o pai se houver o filho, e vice-versa. Assim, não é possível a existência autônoma do significado dos dois signos, não há pai sem filho, nem filho sem pai. Nesse sentido, além dos graus de parentesco, o par *túbae xérraira* poderia ser também a tradução intercultural de *dominus* (senhor) e *servus* (servo), com a finalidade de explicar a doutrina cristã.

A seleção lexical de Anchieta demonstra dois planos culturais e intelectuais de seu contexto histórico: a educação humanística e a política missionária na América portuguesa quinhentista. A gramática missionária, tratada como disciplina inicial, seria a porta de entrada para os estu-

dos humanísticos e teológicos posteriores, e toda a gramática de Anchieta foi construída com essa finalidade estrita missionária, para acesso aos textos humanísticos e catequéticos, principalmente os textos básicos e iniciais, até que os catecúmenos aprendessem o vernáculo português, ou o latim.

3. Alguns comentários sobre os verbos

Os verbos são a principal categoria na gramática de Anchieta, ocupando a maior parte da obra, e por conseguinte, da descrição da língua. Ao mesmo tempo, há diversos recursos empregados pelo missionário para descrever os “fatos linguísticos” (SWIGGERS, 2013, p. 39). Para a descrição do verbo, Anchieta se vale de uma metalinguagem mais de base latina do que vernacular, acrescido das especificidades do sistema da língua indígena. A principal diferença para o latim e o vernáculo português é a existência de uma conjugação verbal afirmativa e uma negativa. Essa categoria é considerada central pelo gramático.

A seleção lexical, novamente, não é arbitrária. Anchieta apresenta o paradigma do verbo *Ajucû* (eu mato, matava, matei, havia matado ou tinha matado). Na grafia atualizada, lê-se *aiukú*. O verbo é central para a catequese, sendo utilizado no ensino catequético dos *Dez Mandamentos*, por exemplo, tema da tradição judaico-cristã quinhentista, servindo para o ensino de diversas passagens bíblicas do *Antigo* e do *Novo Testamentos* também, além da questão do uso no convívio entre indígenas, europeus e africanos. Anchieta descreve o verbo “matar” em forma afirmativa, e em forma negativa, o que sugere o uso didático e a escolha lexical.

A questão da afirmação e da negação é tema central na lógica aristotélica, e Anchieta anota as especificidades desse processo na língua indígena. Outro aspecto notado é que o modo indicativo apresenta a mesma forma para diversos tempos verbais: Presente, Imperfeito, Perfeito e Mais-que-perfeito, o que demonstra uma percepção de tempo diferente da lógica clássica aristotélica, que quantificava o tempo como nas línguas vernaculares europeias, como categorizaram os gramáticos latinos. No modo indicativo, para Anchieta, apenas o tempo futuro teria marcação.

Imagem 3. Verbos na gramática de Anchieta.



Transcrição e tradução:

Ainda que todos os verbos tenham uma só maneira de conjugação, contudo podemos dizer que tem duas, porque o negativo acrescenta algumas partículas que sempre têm juntas consigo para se conhecer ser tal, e ambas serão dispostas aqui:

Afirmativo / Negativo

Presente, Imperfeito, Perfeito e Mais-que-perfeito do modo indicativo
Ajucâ/ Aiukú (Eu mato, matava, matei, havia matado ou tinha matado)

Erejucâ/ Ereikú (Tu)

Ojucâ/ Oiuká (Ele)

Najucâi/ Naiukâi (Eu não mato, não matava, não matei)

Nderejucâi/ Nderiukâi (Tu)

Nojucâi/ Noiukâi (Ele)

Plural

Orojucâ/ Oroiuká ou yajucâ/ iaiuká (Nós)

Pejucâ/ Peiuká (Vós)

Ojucâ/ Oiuká (Nós)

Norojucâi/ Noroiukâi ou diajucâi/ diaiukâi (Nós não)

Napejucâi/ Napiukâi (Vós não)

Nojucâi/ Noiukâi (Eles não).

O fato linguístico relacionado à afirmação e à negação da língua indígena difere do latim e do vernáculo português de tal maneira que Anchieta teve de recorrer a uma descrição específica da língua. Para a especulação lógica baseada em silogismos, no modelo aristotélico, a negação e a afirmação são aspectos fundamentais, o que também era tema da catequese, sobretudo em relação à filosofia moral e à ética cristã, de obrigações e proibições.

Para João de Barros, a negação é registrada nos advérbios: “nam” (não) e “nem”. Não há uma descrição mais ampla do fenômeno de negação, tendo em vista ser um processo muito aproximado ao da gramática latina. Apenas no estudo dos silogismos aristotélicos há uma ênfase maior nesses estudos, fundamentais para a compreensão e ensino da ética judaico-cristã e os debates teológicos iniciais.

4. Conclusão

A título de conclusão, podemos evidenciar que o pensamento linguístico de Anchieta, registrado na estrutura e nos conteúdos de sua gramática revelam a dupla filiação do autor à corrente de pensamento do humanismo renascentista português e à política missionária quinhentista. A seleção lexical e o processo de descrição linguística denotam usos motivados pelo contexto em que o autor se insere, social e culturalmente.

A Linguística Missionária, como linha de pesquisas da disciplina de Historiografia da Linguística, tem por objeto de análise as gramáticas missionárias. Esse “morfótipo textual” (SWIGGERS, 2013, p. 39-59) foi desenvolvido, sobretudo, entre os séculos XVI e XVIII, antes do período de secularização e das gramáticas racionalistas de cunho filosófico iluminista.

Na obra de Anchieta, podemos notar uma série de fatos linguísticos descritos com a finalidade de preparar missionários para o uso da língua indígena na catequese, e na rotina do contato linguístico com as comunidades indígenas. À época em que a gramática foi escrita, entre 1554 e 1556, as comunidades indígenas cristãs já estavam sendo formadas na América portuguesa quinhentista. Veio a gramática no esteio da política missionária, tendo sido empregada no Colégio da Bahia, pelos jesuítas, a partir de 1556, e tendo sido publicada na tipografia-régia de Coimbra em 1595. Não era, assim, um documento isolado de sua época.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANCHIETA, José de. *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. Coimbra: António de Mariz, 1595.

_____. *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil*. Apresentação Dr. Carlos Drummond e aditamentos de Pe. Armando Cardoso, S.J. São Paulo: Loyola, 1990 [1595].

ARISTÓTELES. *Órganon*. São Paulo: Edipro, 2010.

BARROS, João de. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Lodovicum Rotorigium, 1540.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. *Historiografia da língua portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 1984.

KALTNER, L. F.; SILVA, S. C. S. Gramáticas e gramaticografia: uma análise pela Historiografia Linguística. *Revista philologus*, v. 75 Supl., p. 1564-72, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2020a.

_____. Monumenta Anchieta à luz da Historiografia Linguística: o trabalho filológico de Pe. Armando Cardoso, SJ (1906-2002). *Cadernos de Linguística da Abralin*, v. 1, p. 01 - 15, 2020b.

_____. Por uma edição crítica da gramática de Anchieta (1595). *Revista philologus*, v. 76 Supl., p. 717-31, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2020c.

_____. Regna Brasillica: contextualização da Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil (1595). *Revista da abralin*, v. 19, p. 1-25, 2020d.

_____; SANTOS, M. C. S. Schola Aquitanica e a gramática de Despauterius: intertextualidades. *Revista philologus*, v. 76 Supl., p. 750-9, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2020e.

_____. The Grammar Corpus in the Horizon of Retrospection of S. José de Anchieta, SJ (1534-1597). *Global Journal of human-social science: G Linguistics & Education*, v. 20, p. 37-44, 2020f.

_____. As ideias linguísticas no discurso de Liberalium Artium Studiis (1548). *Revista Confluência*, v. 56, p. 197-217, 2019a.

_____; SANTOS, M. C. S.; TEIXEIRA, V. L. Gaspar da Índia: a língua e o Brasil quinhentista. *Revista Confluência*, v. 57, p. 9-35, 2019b.

_____. O Brasil quinhentista e a Historiografia Linguística: interfaces. *Cadernos do CNLF*, v. 23, p. 424-39, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2019c.

RODRIGUES, Aryon. Descripción del tupinambá en el período colonial: el 'Arte' de José de Anchieta. In: ZIMMERMANN, K. *La descripción de las lenguas amerindias en la época colonial*. Frankfurt-Main/Madrid: Verbuert-Iberoamericana, 1997. p. 371-400

SWIGGERS, P. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. *Revista Confluência*; n. 44-45, p. 39-59, 2013.

ZWARTJES, Otto. The description of the indigenous languages of Portuguese America by the Jesuits during the colonial period. The impact of the Latin Grammar of Manuel Álvares. *Historiographia Linguistica*, n. XXIX:1/2, p.19-70. Amsterdam: John Benjamins, 2002. Disponível em: https://www.academia.edu/7972042/The_description_of_the_indigenous_languages_of_Portuguese_America_by_the_jesuits_during_the_colonial_period_The_impact_of_the_latin_grammar_of_Manuel_%C3%81lvares.